

## ENTRE O VISÍVEL E O INVISÍVEL: REFLEXÕES ACERCA DE UM ADMIRÁVEL MUNDO NOVO<sup>1</sup>

*BETWEEN THE VISIBLE AND INSIVIBLE: REFLECTION ABOUT BRAVE NEW WORLD*

Altino José MARTINS FILHO<sup>2</sup>

**RESUMO:** o presente artigo constitui-se numa análise reflexiva sobre a obra literária de Aldous Huxley (1930), com o intuito de investigar as apostas, construídas historicamente, em relação à ciência e à tecnologia. O objetivo não é apenas de oferecer um *em torno*, mas de ter a possibilidade de captar o diálogo entre as idéias defendidas pelo autor e o nosso contexto social/educacional nos dias atuais.

**PALAVRAS-CHAVES:** trabalho; tecnologia; ficção; educação; utopia.

### INTRODUÇÃO

Em uma experiência educacional verdadeiramente compartilhada, as escolhas e decisões precisam ser feitas com o maior consenso possível e com um profundo respeito por uma pluralidade de idéias e perspectivas (SERGIO SPAGGIORI).

A questão do *controle* vem ganhando espaço nas sociedades contemporâneas por meio de mecanismos sofisticados de vigilância, que promovem invasões à privacidade, como nos recentes episódios televisivos no estilo *reality shows* e nos crescentes e sofisticados sistemas de vigilância, contendo câmaras ocultas de registro de imagens e sons.

Como conseqüência desses instrumentos controladores, estamos diante da banalização do cotidiano, em que o controle e a intimidade passam a fazer parte de uma rotina como uma questão natural e rapidamente são assimilados pelas instituições sociais.

---

<sup>1</sup> O título do livro, originalmente escrito, *Brave New World*, foi retirado de um trecho de uma peça de William Shakespeare, *The Tempest* (1911). O trecho refere-se à cena em que Miranda vê os príncipes de Nápoles desembarcarem de um navio naufragado e exclama: "Esplêndida humanidade, maravilhoso mundo novo, quem pode nutrir seres tão perfeitos?" (RAMONET, 1911).

<sup>2</sup> - Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação de 0 a 6 anos (NEE0A6). Mestrando em Educação e Infância pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. altinojm@ig.com.br

Podemos considerar o olhar futurista de Aldous Huxley como uma possibilidade e sugestão de advertência a esse fenômeno de vigilância e controle se compararmos suas ideologias à realidade social na qual estamos inseridos, na qual os valores morais estão sofrendo mudanças abruptas, os avanços científicos e técnicos abrem possibilidades de inclusão e exclusão do indivíduo nas variadas esferas sociais.

A ficção de Huxley, considerada um exagero à época (década de 1930), apresenta uma utopia sobre o funcionamento de uma sociedade altamente controladora, baseada em controles sócio-metabólicos e pré-destinação dos papéis sociais, como será relatado neste artigo.

A utopia de Huxley exhibe um modelo de sociedade *má*, daí ser denominada distopia (um mau lugar, o lugar da distorção) ou desutopia, uma vez que o Mundo Novo imaginado estava longe de ser *perfeito*, já que a palavra utopia está associada à possibilidade de um mundo ideal.

O exagero de sua ficção, naquele momento histórico, parece em alguns casos, possível de ser levado a efeito nos dias de hoje e funcionou como uma espécie de denúncia antecipada, uma vez que a essência de suas previsões pode ser considerada atual. Basta compararmos as experiências na área de biotecnologia, como clonagens, determinações genéticas, entre outros processos em andamento, que oferecem base tecnológica para materializar o Mundo Novo de Huxley.

A obra analisada suscita a discussão de questões centrais no âmbito da educação, das novas tecnologias, dos modos de produção, bem como o cenário atual das relações sociais altamente tecnologizado.

#### MAS QUE MUNDO É ESSE?

Em 1932, o inglês Aldous Leonard Huxley escreve o livro *Admirável mundo novo*, visto por críticos e outros intelectuais da época, como uma *utopia/ficção*. Huxley era um homem da classe aristocrática Inglesa, considerado politicamente conservador, que sempre viveu numa ambiência privilegiada e, como todo filho dessa aristocracia, sonhava em fazer medicina. Contudo, por problemas de saúde,<sup>3</sup> formou-se em jornalismo.

---

<sup>3</sup> Huxley ficou quase cego e este foi um dos motivos pelos quais ele abandonou os estudos no campo médico para se dedicar ao jornalismo.

Cabe mencionar que sua obra teve grande influência sobre o público a partir das primeiras décadas do século XX. Em *Admirável Mundo Novo*, o coletivismo e a passividade do trabalhador derivam do desenvolvimento deturpado da ciência e da tecnologia, num cenário pessimista sobre o futuro do trabalho (SILVA, s/d).

Na obra, o autor descreve uma sociedade do futuro na qual o Estado tem o domínio total da vida dos indivíduos, a ponto de ser o grande pai e mãe de todos,<sup>4</sup> num mundo onde são controlados as ações e os sentimentos das pessoas. Um controle da sociedade determinado bio-psico-socialmente.

É perceptível que o objetivo do autor era tecer uma crítica aos instrumentos de dominação dos regimes totalitários emergentes naquele momento histórico e ao modelo fordista de produção industrial. Para conseguir tal façanha, o mesmo imagina um sistema de produção de seres humanos, geneticamente modificados em incubadoras especiais, predestinados a determinadas condições sociais.

Um Mundo em que o Estado eleva sua vocação totalitária ao mais alto nível, fazendo com que o indivíduo esteja condenado desde a concepção e habituado a não pensar por conta própria. Um indivíduo sem livre-arbítrio e sem consciência que se revela convenientemente adaptado às suas funções pré-determinadas e, com base em tecnologias de condicionamento, sente-se, assim, *feliz*.

O autor, como homem de seu tempo, foi, de certo modo, porta-voz de um momento muito peculiar. A década de 1930, principalmente na Europa, estava envolta num clima político bastante conflituoso. De um lado, viam-se tomando forma as ideologias de governos autoritários, como o fascismo e o comunismo, responsáveis pelo surgimento de grandes exércitos constituídos de *homens iguais*, na forma de vestir e de se colocar, todos enfileirados, muito bem treinados, disciplinados e com a mesma idéia: *vencer o estado inimigo*. Homens sem pai e mãe, pois o Estado era pai e mãe.

Por outro lado, notadamente no campo da ciência, que se encontrava em ampla expansão, também vinham gradativamente tomando espaço os grandes avanços científicos da época. A idéia de clonagem humana, ou seja, a produção científica de milhares de seres iguais uns aos outros era outro tema recorrente, de certa forma inspirado

---

<sup>4</sup> Anos mais tarde, Orwell, na obra *1984*, uma obra na mesma linha, fala do Grande Irmão.

pelos avanços da genética, bem como pela latente apresentação das fileiras de soldados inteiramente iguais nas manifestações nazistas.

A capacidade visionária do autor pode ser evidenciada pelo fato de o primeiro bebê de proveta ter sido gerado somente em 1978 e as experiências de clonagem terem sido realizadas somente na década de 1950. Contudo, cabe mencionar que as idéias de clonagem eram bastante antigas.

[...] o termo clone já tinha sido utilizado em outras obras de ficção científica. Ele aparece em 1915, na coletânea *Master Tales of Mystery by the World's Most Famous Authors of Today*, editada por Francis Joseph Reynolds. Apesar de ter sido cunhado antes na ciência (em 1903, o substantivo clone é utilizado pela primeira vez para batizar grupos de plantas exatamente idênticos em sua composição genética), os clones irão tomar notoriedade na literatura de fantaciência e posteriormente no cinema, no qual serão, por diversas vezes, o tema central do roteiro. Essa exploração insistente por parte da cultura pop, ao longo do século XX, irá instaurá-los definitivamente no imaginário dos povos ocidentais. (FRANCO, 2002, p.20)

Antes ainda, temos o romance escrito pela inglesa Mary Shelley, em 1816, que já teve inúmeras adaptações, principalmente no cinema.

Na obra em questão, as idéias do processo de industrialização exercem grande influência, pois na grande Londres Central, todo o trabalho intelectualizado era eliminado do trabalho da fábrica/empresa e centralizado no departamento de planejamento. A divisão do trabalho se estabelecia através da separação do trabalho intelectual, centralizado no departamento de planejamento, e o trabalho braçal. De um lado, ficam os que pensam e, do outro, aqueles que executam o que foi pensado.

Na sociedade do futuro, idealizada pelo autor, os bebês eram concebidos, gestados e desenvolvidos numa grande incubadora artificial em linha de produção e eram os cientistas do Estado que controlavam todo o processo de criação de pessoas, objetivando à manutenção obcecada pela estabilidade social. Os seres humanos produzidos eram classificados em Alfas, Betas, Gamas, Deltas e Ípsilons, ou seja, em castas definidas com condicionamentos distintos, com a intenção de os indivíduos aceitarem e *serem felizes* em sua determinada posição social.

Referenciando a este determinismo, nas primeiras páginas do livro, o Diretor de Incubação e Condicionamento descreve o *Centro de*

*Incubação e Condicionamento de Londres Central* e explica o seu funcionamento a uma turma de estudantes recém-chegados que estava conhecendo a tecnologia empregada na reprodução em série.

Nós os condicionamos de tal modo que eles se dão bem com o calor. [...] Nossos colegas lá em cima os ensinarão a amá-lo. [...] é o segredo da felicidade e da virtude: amar o que se é obrigado a fazer. Tal é a finalidade de todo o condicionamento: fazer as pessoas amarem o destino social a que não podem escapar. (HUXLEY, 1989, p. 19)

Nessa nova sociedade, ou seja, nesse Mundo Novo, tudo é controlado, a exemplo da produção dos sujeitos, na qual a quantidade de oxigênio no cérebro determina qual a casta a que pertencerá o embrião, seu sexo, bem como sua estatura, gostos, que tipos e cores de roupas irão usar, qual o trabalho a executar, que transporte deverá ser utilizado, quais os esportes a praticar, sua resistência para o frio ou calor, entre outras condições pré-concebidas pela direção do Centro.

O conceito de produção em série<sup>5</sup> de bens de consumo, baseado nas linhas de montagem, foi incorporado na criação de seres humanos, tais como máquinas (em forma e função), herança do modelo fordista. Segundo as explicações do Diretor do CIC,<sup>6</sup> que no início da narrativa eram feitas aos recém-chegados, tal produção era determinada pelo Processo Bokanovsky, o qual consistia essencialmente em uma série de interrupções do desenvolvimento do óvulo que possibilitava um óvulo germinar, proliferar e dividir-se em até 96 germes, estes originariam seres humanos gêmeos idênticos. Ou, na visão do Diretor do CIC, em 96 máquinas.

“Noventa e seis gêmeos idênticos fazendo funcionar noventa e seis máquinas idênticas! [...] Sabe-se seguramente para onde se vai. – Citou o lema planetário: Comunidade, Identidade, Estabilidade” (HUXLEY, 1989, p.14).

Para o Diretor do CIC, “o processo Bokanovsky é um dos principais instrumentos de estabilidade social” e o lema desse modelo de sociedade era “Comunidade, Identidade e Estabilidade”, caracterizando um mundo altamente controlado, no qual a *Comunidade* é globalizada, sem limites territoriais, constituindo um grande Estado Mundial, em que tudo é comum a todos. Nesse mundo, a *Identidade*

<sup>5</sup> Expressão muito usada após a Revolução Industrial.

<sup>6</sup> CIC – Centro de Incubação e Condicionamento de Londres Central: local onde ocorria a criação dos habitantes do Mundo Novo.

refere-se à igualdade entre os pertencentes às castas (em padrão de vida, vestimentas, funções sociais etc), o que mantém a homogeneidade e a ordem entre os pares. Já a *Estabilidade* se refere à satisfação de todas as necessidades dos habitantes em relação à manutenção da sua casta e função social.

O ideário liberal declarava a escola como um direito e condição para todos tornarem-se cidadãos, bem como proclamava a bandeira da Liberdade, Igualdade e Fraternidade<sup>7</sup> para a sociedade em geral. Na sociedade imaginada, tal *lema planetário*, satiricamente, apregoava Comunidade, Identidade e Estabilidade.

O tempo relatado na ficção era o ano de 632 d.F. - depois de Ford. Tal referência, bem como o uso de expressões pelos personagens, como *Nosso Ford* ou *Graças a Ford*, indica o referencial teórico ao qual Aldous Huxley remetia, baseado nas teorias de Henry Ford<sup>8</sup> que se materializaram no modelo fordista de produção industrial.

Fordismo é um sistema de produção industrial caracterizado por: um elenco limitado de produtos standardizados; métodos de produção de massa; automação usando máquinas dedicadas à produção de um produto determinado; força de trabalho segmentada responsável por tarefas fragmentadas e especializadas; controle centralizado; e organização hierárquica e burocrática. (RAGGAT, 1993, p.23)

Por ter sido um ícone do tecnicismo e do funcionalismo na época de Huxley, Ford toma o lugar de Jesus Cristo nesta sociedade do futuro. O aspecto divino e religioso é substituído pela crença em tudo o que é tangível, o que parece demonstrar a valorização exacerbada da tecnologia e do pragmatismo.

Tal situação pode ser considerada como reflexo do momento histórico em que se encontrava o autor. Um período no qual o materialismo e os pressupostos das teorias liberais determinavam que

---

<sup>7</sup> Lema de Revolução Francesa: 1789.

<sup>8</sup> Henry Ford foi o inventor de um método de organização do trabalho para a produção em série e da padronização das peças. Essa técnica, pensada por Ford na década de 1920, transformou, por assim dizer, os trabalhadores em autômatos, em robôs repetindo a mesma tarefa o dia inteiro. Apesar de seu caráter desumano, foi uma verdadeira revolução no universo industrial e rapidamente adotada, da Alemanha à União Soviética, por todas as grandes indústrias mecânicas do mundo. No mundo sindical e operário, e também entre os intelectuais, o fordismo suscitou críticas violentas, que artistas e criadores da época muitas vezes abordaram com indiscutível talento cáustico.

para ser verdadeiro, tudo deveria ter uma razão funcional. O pensamento pragmático era a ordem da época. Em termos econômicos, a década de 1930 ainda vivia sob os efeitos da crise de 1929 e a América, principalmente os EUA, aparecia como o lugar da liberdade, da felicidade, onde contraditoriamente as idéias tecnicistas de Henry Ford já estavam bastante solidificadas nas Indústrias.

Como a Inglaterra e outros países europeus estavam vivendo num mundo pós-guerra, na década de 1930, vários setores sociais da Europa já se movimentavam para evitar o desastre dos governos liberais democráticos, que já não conseguiam solucionar o problema da defesa de suas fronteiras e, principalmente, do avanço dos nacionalismos extremados provenientes da Alemanha e da Itália.(DANTAS, 2000).

Dentro desse turbilhão de fatos, Huxley remonta, em seu livro, algumas críticas tanto à sociedade stalinista da utopia soviética, como à nova sociedade mecanizada, automatizada e padronizada que vinha se desenvolvendo nos Estado Unidos. Huxley observou e imaginou, dentro das possibilidades dos governos liberais democráticos e dos nacionalistas extremados, uma crítica contundente a esses modelos sociais emergentes.

No mesmo período histórico em que foi escrito o livro, o Brasil estava vivendo as primeiras décadas do regime Republicano. Nesse momento histórico, intensificaram-se as iniciativas de organização dos sistemas públicos de ensino no Brasil, pois se apregoava que a solução dos problemas nacionais passava pela educação.

Desse modo, é através da educação institucionalizada que o Estado promove um crescente controle sobre seus cidadãos. Esse controle evidencia-se com o despertar do nacionalismo e a imposição da nacionalização.<sup>9</sup> O governo brasileiro, impulsionado pelo anseio da modernização, estrategicamente, interessa-se pela educação, legislando e criando escolas públicas para promover a divulgação da língua, da história e da cultura luso-brasileira.

A intenção do Estado era de regenerar a população brasileira, recuperar sua nacionalidade, tornando-a saudável, disciplinada e produtiva para que fosse incorporada ao processo de industrialização.

---

<sup>9</sup> Neste período, a questão da identidade nacional esteve na pauta das discussões e debates em vários países do mundo. No Brasil a situação não foi muito diferente. O governo e a própria sociedade se mobilizaram para estabelecer os respectivos contornos da nacionalidade, visando a concretizar idéias de liberdade, autonomia e soberania.

O objetivo era formar os trabalhadores dentro de uma lógica de disciplinamento que atendesse às demandas do mundo do trabalho que estava se desenhando (HYPÓLITO, 1997, p.34)

As formas de desenvolvimento da organização escolar assumem cada vez mais um modelo racional de organização, análogo às formas de organização do trabalho. Pensava-se em uma formação tecnicista, produtora e reprodutora de mão-de-obra, pois a sociedade em processo de industrialização precisava de uma escola que qualificasse e disciplinasse os futuros trabalhadores para tarefas especializadas.

Assim, no limiar do século XX, o Brasil investe na educação, alvo de estratégias políticas, sobretudo de governos autoritários<sup>10</sup> ao tomarem conhecimento do poder que a mesma podia exercer frente à sociedade, que estava em transformação, ou seja, industrializando e urbanizando-se.

#### A HIPNOPEDIA - TECNOLOGIA DE ADESTRAMENTO

O contexto relatado acima vai ao encontro do que Huxley expressou em seu livro com relação às características relacionadas à seletividade social, no entanto na sociedade imaginada, a escola (Colégio de Engenharia Emocional) não era vista como o principal meio de aprendizagem e aculturação social, já que muitas das questões eram determinadas antes de os indivíduos nascerem.

Nessa perspectiva, o autor se baseia nas idéias de Skinner e Pavlov para criar os *Centros de Condicionamento do Estado*, no qual cada ser humano é educado desde nascença, de acordo com a função social e com os valores determinados especificamente para seu grupo, por meio de estratégias como a hipnopedia, para manipular o espírito, criar no indivíduo *reflexos condicionados distintos* e ensinar para que se conformem com seu destino e desenvolvam o preconceito entre as castas.

Na obra, é citada uma sessão de hipnopedia: em um dormitório, no qual as crianças em seus leitos, durante o sono, aprendiam lições de Consciência de Classe:

As crianças Alfas vestem roupas cinzentas. Elas trabalham muito mais do que nós porque são formidavelmente mais inteligentes. Francamente, estou contentíssimo de ser um Beta,

---

<sup>10</sup> Durante o governo de Getúlio Vargas, se comparado com governos anteriores, de fato a educação recebe grande impulso, contribuindo para o respectivo êxito político.

porque não trabalhamos tanto. E, além disso, nós somos muito superiores aos Gammas e aos Deltas. [...] E os Ípsilons são ainda piores. São demasiado broncos [...]. (HUXLEY, 1989, p.30)

As mensagens hipnopédicas induziam os habitantes a reconhecer o segredo da felicidade e da virtude como o lema: *amar o que se é obrigado a fazer* (HUXLEY, 1989, p.35), condicionando as massas a desempenharem funções determinadas na sociedade. A exemplo do que ocorria com os mecânicos das aeronaves que precisavam trabalhar de cabeça para baixo e, mesmo nessa posição, se sentirem felizes.

As lições de sexo elementar também eram aprendidas nas sessões de hipnopedia. O sexo na sociedade apresentada é percebido como algo natural e exclusivamente para saciar prazeres e não mais para procriação, além de conferir um caráter socializador, já que *tudo pertence a todos*. Considerados como uma fonte de prazer que deve ser suprida desde a mais tenra idade, os jogos eróticos eram introduzidos no cotidiano dos indivíduos desde seu nascimento.

As lições das Salas de Condicionamento Neopavloviano ocorrem por meio da repetição. É perceptível que essas lições, repetidamente reproduzidas, estabeleciam a condição de uma verdade absoluta. “Com repetições três noites por semana, durante quatro anos, declara um especialista em hipnopedia, e sessenta e duas mil repetições criam uma verdade” (HUXLEY, 1989, p.47).

Nesse processo de transmissão cultural de saber hipnopédico, a leitura como uma atividade individual, era proibida, pois representava o perigo de provocar o *indesejável descondicionamento* das massas (HUXLEY, 1989). Podemos traçar, aqui, um paralelo com a atitude do venerável Jorge no romance *O nome da rosa*, que escondia dos leitores as obras consideradas heréticas, sobretudo aquelas que contrariavam os dogmas teocêntricos do período medieval.

No Admirável Mundo Novo, os velhos livros proibidos eram guardados no cofre-forte do gabinete do administrador mundial, denotando uma atitude de forte relação de poder. Havia uma forte campanha contra o passado, que se manifestava com o fechamento dos museus, destruição dos manuscritos históricos, supressão dos livros publicados antes de 150 D.F, pois o mundo agora é estável e a estabilidade tem seu preço (HUXLEY, 1989, p.55).

Além do que, *não se pode consumir muita coisa se fica sentado lendo livros*, uma crítica aos comportamentos anti-consumistas. Não havia espaço para processos muito intensos ou prolongados e a ordem

era para a manutenção de comportamentos obedientes, capazes de provocar a sensação de satisfação com estabilidade.

O controle pela censura se manifestava também nas novas edições publicadas. Mustafá Mond, o administrador mundial para a Europa Ocidental, proibiu a publicação do livro *Uma nova teoria biológica* e ordenou que o autor fosse mantido sob vigilância. Isso porque seu livro anunciava que “o objetivo da vida não era a manutenção do bem-estar e sim uma intensificação, um refinamento da consciência e ampliação da sabedoria” (HUXLEY, 1989, p.60), proposta considerada perigosa e potencialmente subversiva, pois se baseava em idéias que poderiam descondicionar os espíritos menos estáveis das castas superiores. Além disso, toda ordem social ficaria desorganizada se os homens se pusessem a fazer coisas por iniciativa própria.

A arte também representava um risco à estabilidade do sistema vigente, portanto *deveria ser acorrentada, amordaçada*. Assim como a ciência, pois *toda descoberta da ciência pura era potencialmente subversiva*. A ciência era considerada um perigo público.

Os autores das mensagens hipnopédicas também publicavam seus artigos nos jornais e eram responsáveis pela redação. *As palavras são como raios X*, uma metáfora para ilustrar o poder penetrante e manipulador das palavras na formação das ideologias.

Seguindo o contexto do controle social, entre os adultos era proibido relacionamento emocional, para tanto os habitantes eram submetidos a tratamentos durante suas vidas, como é o caso do Sucedâneo de Paixão Violenta, que controlava os impulsos emocionais que tendiam a apegos pessoais e afetivos. No entanto, suas vidas sexuais iniciavam cedo, se tomarmos como parâmetro a sociedade tradicional e moralista vivida pelo autor, na qual a estrutura familiar era de característica patriarcal, nuclear, com a cultura feminina voltada para o lar.

Faz-se evidente no texto, a inexistência de qualquer laço familiar no Novo Mundo. Não existia a figura de pai, mãe e irmãos, haja vista a forma em que eram concebidos, por meio de processos laboratoriais de incubação artificial, de maneira técnica e estandardizada. Havia um grande desprezo pelos valores e sentimentos humanos inculcados por meio da hipnopedia.

Outra característica marcante na obra diz respeito à inserção de uma droga chamada *soma*, que era distribuída nas fábricas com uma cota diária. Não havia efeitos colaterais para doses pequenas, assim era

comum o uso diário de gramas de soma, proporcionando fuga da realidade e deixando as pessoas sentirem-se melhor. Já nas sessões hipnopédicas, aconselhava-se a ingeri-la sempre que a pessoa se sentisse infeliz, insegura, com medo, ou qualquer outro sentimento que não fosse a felicidade plena. O uso constante dessa droga evitava angústias e espaços para questionamentos que poderiam levar a indignação e a possíveis esperanças de transformação.

A droga também era utilizada pela polícia em raros momentos de conflito, nos quais os policiais vaporizavam nuvens de soma e colocavam a funcionar a Caixa de Música Sintética Portátil, com mensagens de paz. Se necessário fosse, usavam pistolas de água com forte anestésico. Após alguns minutos, com o efeito dela, todos se abraçavam e beijavam de acordo com as mensagens ouvidas.

#### O COTIDIANO NO ADMIRÁVEL MUNDO NOVO

É oportuno observar que Huxley apresenta em sua obra a história de dois mundos, um dos quais denominado mundo civilizado, o dos grandes Estados Mundiais e o outro da *Reserva dos Selvagens*, o mundo dos não-civilizados.

O mundo civilizado representado é o mundo da tecnologia, dos grandes Centros de Condicionamento, dos bebês bokanovsky, das mulheres pneumáticas,<sup>11</sup> dos betas, deltas, alfas, dos cinemas sensíveis, dos esportes eletromagnéticos, do soma.

Já o mundo dos não civilizados, a reserva dos selvagens, é o abominável mundo velho. O mundo dos índios, selvagens, da falta de higiene, de ritos tribais de iniciação, de animais, de humanos que envelhecem, adoecem e não têm assistência por parte do Estado. É o mundo da afetividade, da religiosidade, da liberdade. Vale lembrar que até o nome dado por Huxley a essa reserva reflete o que ela representa para o *Admirável Mundo Novo*, Malpaís, ou seja, um país ruim. O povo de Malpaís também estava predestinado, assim como o povo civilizado, só que em condições bastante diferenciadas, a ficar onde estava. Quem nascia na reserva dos selvagens morria na reserva dos selvagens.

---

<sup>11</sup> Na mecânica este termo significa "a matéria dos movimentos dos gases e fenômenos dos gases" (FIESC/SENAI, 2002, p.5). O termo deriva do grego *Pneuma* que significa fôlego, vento e filosoficamente, a alma.

A narrativa ganha o seu auge no momento em que esses dois mundos se entrecruzam, o velho e o novo mundo, quando o autor relata a história de Linda, uma moça civilizada que acaba vivendo na reserva por estar grávida do diretor do centro. Após muitos anos, seu filho já jovem é descoberto por um casal civilizado que visitava Malpaís e leva o Selvagem John, com sua mãe, de volta a Londres Central.

Nesse momento específico no Admirável Mundo Novo, o abominável mundo velho pede passagem e o que ocorre é muito semelhante ao que testemunhamos hoje. Choques de culturas, mas com a diferença de que os civilizados de Huxley apenas viam nos selvagens a imagem de um passado que eles não queriam sequer recordar. O hoje, o novo é exatamente o tempo da felicidade, ainda que uma felicidade proporcionada pelo *soma*.

Ao contrário, os selvagens jamais sairiam dos limites da reserva. John foi um caso excepcional, digno de estudos, visto ser filho de pais civilizados por mais incivilizado que parecesse aos olhos do Administrador Mundial de Londres.

Conhecer como o selvagem se desenvolveu e como percebia esse Mundo Novo podia, de certo modo, dar indicativos para que o sistema procurasse avançar cada vez mais no sentido de buscar meios para manter a *comunidade, a identidade e a estabilidade*.

John fora criado em Malpaís, em culturas mistas, ouvindo histórias que Linda contava da civilização e das histórias contadas pelos anciãos, religiosas e indígenas; aprendeu conceitos civilizados proporcionados pela mãe, bem como ensinamentos de como trabalhar a argila, fazer arco e flecha, caçar, plantar, etc. Apesar do analfabetismo local, Linda ensinou-o a ler, utilizando livros de Shakespeare (um achado trazido por Popé, amante de Linda). John aprendeu a se expressar utilizando citações dessas obras, vivendo em sua exclusão social, pois os moradores indígenas não aceitavam as diferenças físicas e nem morais. Eles viam Linda como uma prostituta e as mulheres traídas da vila a surravam com frequência.

Quando John chegou à civilização, deslumbrou-se e citou: "Como há aqui seres encantados! Como é bela a humanidade! *Oh! Admirável mundo novo...*" (SHAKESPEARE, p.130). Porém, apesar de seu deslumbramento inicial, John não se adaptou. As pessoas daquele espaço não entendiam suas idéias, nem acreditavam nas suas teorias infames, baseadas nas obras de Shakespeare e no mundo velho. Também não

conseguia amar, pois apesar de se encontrar apaixonado por uma mulher civilizada, ela não correspondia, nem tampouco entendia a real importância do amor, devido ao grande choque entre culturas.

Huxley encontra um fim dramático para seu personagem principal, em meio às exclusões sociais, sofridas em ambos os mundos. Depois da morte da mãe (por excesso de soma) e do afastamento de seus dois únicos amigos, o Selvagem se exclui em um farol abandonado, em busca da proteção de sua privacidade, identidade e liberdade, conceitos desconhecidos no mundo civilizado.

O autor priva nos personagens a liberdade de escolha, a liberdade de querer ser alguém diferente do que lhe foi imposto, de querer crescer na vida. A vida individual é anulada pela vida coletiva. Porém, abre espaço para que se reflita sobre variadas questões, num debate travado entre o Administrador e o Selvagem sobre arte, solidão, ciência, saúde perfeita, Deus (que se manifesta na ausência) e outros.

O Administrador apóia-se em um livro da época e cita um trecho: “Nós não pertencemos a nós mesmos, assim como não nos pertence aquilo que possuímos. Não fomos nós que nos fizemos, não podemos ter a jurisdição suprema sobre nós mesmos. Não somos nossos próprios senhores” (HUXLEY, 1989, p. 217). John não concordava com as afirmações do Administrador e, por fim, reclamou o direito de ser infeliz, ou seja, de ficar feio, velho e impotente, mas de acreditar em Deus, na arte, na bondade, no perigo, no pecado, nos sentimentos individuais e na própria natureza. No entanto, como são valores incompatíveis naquela sociedade, John prefere a morte e se enforca, em meio a sua solidão.

O circo estava montado e a multidão assistia sarcasticamente à destruição dos valores humanos do Selvagem, compulsivamente e unanimemente, própria dos métodos de condicionamento hipnópédico. Tal desejo obsessivo e cruel pode ser comparado ao sucesso dos atuais programas televisivos de auditório nos quais as pessoas são expostas ao ridículo, perante uma platéia, e transmitidos em rede nacional, com alto índice de audiência.

Programas televisivos cada vez mais impregnados de banalidades que fazem os espectadores caírem no exibicionismo delirante de nossa nulidade (BAUDRILLARD, 2001), construindo discursos midiáticos, sem escrúpulos, sem ética, notadamente perversos.

O caráter global desse fenômeno televisivo – sobretudo os relativos aos reality shows, estimula a especulação, freqüentemente na chave moral (HAMBURGER, 2002). São alvos de crítica por sua natureza exploradora de humilhações de pessoas reais diante das câmaras, valorização de detalhes escatológicos do cotidiano, pelas cenas aberrantes e sensacionalistas que no conjunto violam a dignidade humana.

#### UM POUCO DO ADMIRÁVEL MUNDO NOVO NO NOSSO MUNDO NÃO TÃO NOVO ASSIM...

Traçando um paralelo entre as idéias de Aldus Huxley, ao escrever o livro *O Admirável Mundo Novo*, com a nossa realidade, mais de setenta anos depois que ele foi escrito, verificamos que é possível detectar muitas semelhanças no que tange ao contexto em que viviam seus personagens. Ao analisarmos nossa estrutura social, cristalizada em hierarquias sociais, observamos que nossas crianças ainda são educadas em métodos de repetição, com atividades sem sentido e reflexões que as fazem aceitar essa sociedade dividida em classes, sem questionamento. Dependendo do tamanho da conta bancária de seus pais, esse tipo de educação pode ser diferente, mas a ênfase na hierarquização aparentemente não se modifica.

Os noticiários jornalísticos e os discursos midiáticos em geral reforçam essa ideologia do apagamento das diferenças sociais, dando a sensação de que vivemos numa sociedade homogênea e sem contradições. As mídias são mecanismos concretos que engendram a liberdade formal das pessoas, estimulando o controle excessivo exercido pelas forças do capital. Como afirmam Marx e Engels (1998, p.48):

A classe que dispõe dos meios da produção material dispõe também dos meios da produção intelectual, de modo que o pensamento daqueles ao quais são negados os meios de produção intelectual está submetido também à classe dominante.

A situação apresentada pelo autor, ao colocar o mundo *maravilhoso* em contato com o mundo selvagem, por meio dos personagens Lenina, Bernard Marx e Jonh (*O Selvagem*), nos remete a pensar, como Sabbatin expõe, se em 2010 não vamos olhar para as metrópoles dos países subdesenvolvidos e estudar o comportamento dos selvagens e unificar os trabalhadores não especializados de cáqui.<sup>12</sup>

---

<sup>12</sup> Cor dos uniformes dos Betas.

Ou mesmo, se atualmente isso não acontece, quando alunos de escolas privadas organizam visitas a escolas públicas e essas, por sua vez, visitam as escolas indígenas, por exemplo.

O conflito entre os dois mundos econômicos, que Aldous Huxley tentou fundir na forma de uma nova ordem social e econômica, foi vivenciado durante a estruturação e desestruturação desses dois mundos (o capitalista e o socialista) e o surgimento, em detrimento a essas divisões, de uma Nova Ordem Mundial chamada de *Globalização*, em que a política generalista, na qual *tudo é de todos*, é apregoada desde que não fira a ordem social onde o tudo dos países desenvolvidos não passa a ser de todos dos outros países, mas a recíproca contrária deve ser verdadeira, como é o caso que se tem notícia do que tem sido ensinado às crianças dos Estados Unidos que recebem em seus livros didáticos - um condicionamento hipnopédico - o mapa do Brasil já sem o Estado da Amazônia, considerando que este é de Propriedade Mundial.

Sobre o condicionamento para a aceitação das regras sociais que cada indivíduo era submetido antes mesmo de nascer, Mustafá Mond, ao conversar com o Selvagem, "diz que mesmo depois da decantação, ele fica sempre dentro de um bocal, um bocal invisível de fixações infantis e embrionárias" (HUXLEY, 1989, p.271), o que Ruth Rocha representou com esplendor em uma de suas histórias infantis denominada *A Escola de Vidro*, na qual os alunos eram condicionados a espaços reduzidos por *uma questão de ordem*.<sup>13</sup>

Dentro da realidade social de Aldous Huxley, a ciência era tão temida quanto a arte e a história. Pensando na estabilidade, Mustafá Mond disse que "toda descoberta da ciência pura é potencialmente subversiva: até a ciência deve, às vezes, ser tratada como um inimigo possível" (Huxley, 1989, p.272) e que as instruções científicas que a população recebia nos colégios poderia ser comparada a um livro de receitas no qual só o cozinheiro-chefe poderia autorizar o acréscimo ou retirada de algum elemento.

Se remetermos para a sociedade atual, poderíamos comparar tal situação com o que acontece no sistema educacional atual, no qual as universidades públicas, que são uma das poucas instituições que produzem conhecimento e ciência, sem um vínculo utilitário ligado ao mercado de trabalho, estão sendo sucateadas. No qual a reforma educacional, imposta pela legislação, propõe o oferecimento de cursos

<sup>13</sup> Mais informações, ver ROCHA, Ruth. *A escola de vidro*. SP: Ática.

de graduação universitária (os tecnólogos) com tempo de até dois anos de duração, ficando os estímulos a pesquisas vinculados à sua atuação no mercado de trabalho, bem como ao seu interesse, já que não configura como uma obrigatoriedade dos currículos.

Os indivíduos mais interessados e curiosos e que têm em seu histórico de vida uma condição social privilegiada (salvo algumas exceções) são os que têm possibilidade de dedicar-se um pouco mais aos estudos e, quem sabe, entrar em uma universidade pública.

No Novo Mundo, os profissionais que detinham o conhecimento eram colocados em cargos de poder (até por questões de manter a ordem social) ou eram encaminhados para uma ilha, um lugar para o qual, segundo Mustafá Mond,

eram enviadas todas as pessoas que, por esta ou aquela razão, adquiriram demasiada consciência de sua individualidade para poderem adaptar-se à vida comunitária; todas as pessoas a quem a ortodoxia não satisfaz, que têm idéias próprias e independentes; todos aqueles, numa palavra, que são alguém. (HUXLEY, 1989, p.275)

Tais afirmações nos remetem às décadas de 1960/70, quando no Brasil procedia uma das maiores cisões entre o conhecimento e a consciência social, quando durante o governo militar os indivíduos que pensavam socialmente neste país eram cassados e os de *maior periculosidade* eram deportados para algumas ilhas, onde teriam liberdade de pensar sem tumultuar a estabilidade social imposta na época.

Atualmente, iniciamos a nadar contra corrente novamente, quando estimulamos os sonhos utópicos e desutópicos, mesmo que enfrentando todos os preconceitos e incompreensões que o Selvagem sofreu quando tentou, dentro do que considerava correto, impedir o consumo de *soma*, porque, segundo ele, “era um veneno para a alma, assim como para corpo” (Huxley, 1989, p.256).

O ser pensante e integral tem sido alvo de muitas discussões. No *Mundo Novo*, cada pessoa era especializada como uma formiga, vivendo unicamente para exercer a profissão a que foi destinada antes de nascer. Hoje, ao mesmo tempo que a educação é comprimida em um menor tempo (porque desta forma é conveniente ao mercado de trabalho), esta mesma *entidade* espera um indivíduo pensante, com certas competências desenvolvidas, disposto a mudanças e pronto para

enfrentar um trabalho tecnologicamente em desenvolvimento<sup>14</sup>. Esse mesmo indivíduo, ao mesmo tempo que é solicitado a pensar e refletir, com o intuito de gerar mudança, é podado no que tange a sua vida individual, uma das coisas mais valiosas que o homem conquistou com o seu desenvolvimento evolutivo, E que tem sido anulada pela vida coletiva, pelo estímulo e valorização da equipe.

Inegavelmente, Aldous Huxley olhou para além do seu tempo e com isso nos permite utilizar este mesmo olhar futurista para que se perceba como chegamos até aqui e para onde estamos realmente caminhando.

Assim como na história imaginada por Huxley, vivemos hoje, século XXI, num grande estado mundial, comandado por aqueles que detêm o poder econômico. Não são 10, como na era de 632 d.F. Por incrível que pareça são ainda menos, se pensarmos no Grupo dos G8.

Sobre o mundo civilizado e a reserva dos selvagens, podemos estabelecer, nos dias atuais, um paralelo entre a pujança dos países de primeiro mundo com as crescentes desigualdades nos países periféricos. Do mesmo modo, pode-se pensar nas elites fortemente edificadas e seguras e, do outro lado, na imensa massa dos excluídos, residente nos frágeis aglomerados de barracos nas periferias.

Sobre o *soma*, podemos fazer uma comparação com os inúmeros expedientes utilizados pela população de nossas sociedades contemporâneas, como instrumento de *amortização* dos efeitos provocados pelas desigualdades sociais, pela desumanização das relações e por outras manifestações resultantes de um entorno político autoritário e excludente, e de fortes apelos ao consumo. Aqui, no Velho Mundo, usamos as drogas lícitas, ilícitas e as crescentes opções de antidepressivos e ansiolíticos, esses últimos considerados os carros-chefes da *indústria da felicidade*, metáfora usada para designar os bilionários negócios dos laboratórios farmacêuticos.

Podemos considerar, ainda, substitutos do *soma* todos os produtos midiáticos embalados e distribuídos intensamente pelos meios de comunicação de massa que conduzem os espectadores a um percurso

---

<sup>14</sup> Em referência a essa transição, BIANCHETTI (2001) preconiza a existência de dois profissionais: o trabalhador analógico (o especialista) e o trabalhador digital (ou generalistas especialista). Mais informações consultar: BIANCHETTI, Lucídio. *Da chave de fenda ao laptop: tecnologia digital e novas qualificações: desafios à educação*. RJ: Vozes, Unitrabalho e UFSC, 2001.

diário e banal de mensagens descontextualizadas, efêmeras e medíocres que resultam na própria nulidade daquilo que se supõe ser mais caro à humanidade, à inteligência.

MARTINS FILHO, A. J. Between the visible and invisible: reflection about brave new world. *Revista ORG & DEMO* (Marília), n. 4, p. 97-116, 2003.

**ABSTRACT:** the present article is a reflexive analysis about the literary work of Aldous Huxley (1930), aiming the investigation of the bets (on the outcome), historically constructed, related to science and technology. The purpose is not only to offer a *around* view, but having the possibility to capture the dialogue between the author's idea and our socio-educational context nowadays.

**KEY WORD:** work; technology; fiction; education; utopia.

## REFERÊNCIAS

- ANTOINE, P.; VICENTE, G. (org.) *História da Vida Privada: da Primeira Guerra a nossos dias*. São Paulo: Companhia das letras, 1992. n.5
- BAUDRILLARD, J. *Banalidade Mortífera*. Folha de S. Paulo. São Paulo, 10 de jun., 2001. Caderno Mais, p.12.
- BELLONI, M. L. *Educação à distância*. Campinas: Autores associados, 1999.
- CAMPO, C. M. *Controle e Normatização de condutas em Santa Catarina (1931-1945)*. 1992. Dissertação (Mestrado em História). Pontífice Universidade Católica, São Paulo.
- CHAUÍ, M. *Convite à Filosofia*. 3. ed.. São Paulo: Ática, 1995.
- COELHO, Teixeira. *O que é utopia*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- CLISTOFOLINI, N. J. *Nacionalização do Ensino: estratégias para a construção da nacionalidade e sua constextualização em Joinville*. Dissertação (Mestrado em História). 2002. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- FRANCO, E. Seres Híbridos & Clores: da literatura para as telas, das telas para a realidade. *Net*. Disponível em <<http://www.comciencia.br>>. Acessado em 03 ago. de 2002.
- HACHETTE. *Enciclopédia digital*. Paris: Éditions Hachette, 997. (CD-ROM).
- HUXLEY, Aldous. *Admirável Mundo Novo*. 17. ed. São Paulo: Globo, 1989.
- IANNI, Octávio (org.). *Karl Marx*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1980.
- MARX, K. ; ENGELS, F.. *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

RAGGAT, P. Post-fordism and distance education: a flexible strategy for change. *Open Learning*, v. 8, n. I, 1993.

SEBBATINI, R. M. Admirável Mundo Novo. *Net*. Disponível em <<http://www.nib.unicamp.br/sabbatin.html>>. Acesso em 03 ago. de 2002.

VOGT, C. Clones e Medos Crônicos. *Net*. Disponível em <<http://www.comciencia.br>>. Acesso em 10 ago. de 2002.